



A Religião e suas manifestações: uma análise freudiana

Débora dos Santos Sil2a¹; Cicera Maria dos Santos Gomes²; Emídia Inácio Timóteo³

Resumo: O presente artigo busca descrever a forma como a psicanálise freudiana concebeu a religião e suas práticas ao longo da história. Desse modo, a psicanálise tenta lançar um olhar sobre o movimento religioso em suas diversas ramificações, mas com um único fundamento, a saber: a crença em divindades que guiam e protegem o sujeito na sua jornada existencial. Portanto, a pesquisa tenta discutir sobre a associação que pode ser feita entre a confiança do homem num Ser Supremo e o sentimento de desamparo e impotência infantil ante os percalços da vida. Conclui-se que a religião propõe ao crente ensinar sobre as leis divinas, consolá-lo ante os sofrimentos que a vida desperta e puni-lo se não nesta, mas na vida espiritual quando do não seguimento das leis prescritas. Porém, pode trazer inconformismo, revolta ou descrença quando o pensamento religioso entra em conflito com uma realidade muito frustrante ou quando os conhecimentos científicos começam a questionar as certezas absolutas que a religião comporta.

Palavras-chave: Psicanálise, Religião, Ciência.

The religion and its expressions: a freudian analysis

Abstract: This article aims to describe how Freudian psychoanalysis conceived the religion and its practices throughout history. This way, psychoanalysis tries to cast a glance at the religious movement in its various branches, but with a single ground, namely, belief in gods who guide and protect the subject in his existential journey. Therefore, the research attempts to discuss the association can be made between the confidence of the man in a Supreme Being and the feeling of helplessness and powerlessness child at the mishaps of life. We conclude that religion proposes to the faithful teaching of the divine laws, to comfort him before the suffering that life awakens and punish him if not in this, but in the spiritual life when the failure to follow the prescribed laws. But it can bring nonconformity, revolt or disbelief when religious thought conflicts with a very frustrating reality or when scientific knowledge begin to question the absolute certainty that religion entails.

Keywords: Psychoanalysis, Religion, Science.

Introdução

A partir da contribuição de estudiosos como Frazer, Smith e Darwin, foi que Freud se embasou para conceituar sobre a origem da organização religiosa. Com base nestes estudos etnográficos, Freud criou o mito da horda primitiva, mito descrito em *Totem e tabu*. Freud chega à conclusão de que o Pai primitivo é o protótipo de Deus.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio – FALS. Especialista em Educação Inclusiva e Prática Docente do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP. Email: deborassilva25@gmail.com

² Graduada, Mestre e Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE. Email: gomes_cicera@yahoo.com.br

³ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Anne Sullivan.



Logo, a Religião seria para a história da humanidade o que a neurose é para a história do indivíduo. Ela se norteia e se fortalece na medida em que o desamparo frente às catástrofes naturais, ao envelhecimento inerente ao corpo e os conflitos entre os homens evidencia-se. A Religião combinaria em si três funções: ensinar, consolar e exigir. No entanto, muitas vezes não passa pelo crivo da razão, encarnada nas investigações científicas que podem denunciam o caráter ilusório de seus pressupostos. Por isso é que Freud era contrário à *weltanschauung* religiosa.

Frazer, Smith e Darwin

Freud (1925[1924]1996) retirou suas ideias principais acerca da origem de certos sentimentos nos homens – o sentimento de culpa, por exemplo – e, da organização cultural, religiosa e ética, dos estudos de Frazer, Robertson Smith e Darwin. Ideias que fundamentaram as concepções psicanalíticas no que tange ao mito da horda primitiva/primeva.

- A partir de Frazer: seus achados, mesmo um tanto controversos sobre duas ordenações (ou imperativos) do tabu totêmico, a saber: Não matar o totem – representado muitas vezes por animais e Não ter relações sexuais com mulheres do clã totêmico.
- A partir de Smith: suas pesquisas trouxeram a ideia de uma *refeição totêmica* enquanto momento essencial (ritualístico) da religião totêmica.

Ou seja, em determinados momentos o animal totem, considerado sagrado, era através de certos rituais, abatido, devorado e objeto de lamentação.

- A partir de Darwin: os trabalhos deste estudioso levaram a crer que os homens viviam (em épocas remotas) em hordas, onde cada uma delas era governada por um macho forte, poderoso e implacável em seus desejos.

Com base nestas contribuições, Freud criou o mito da horda primeva, mito este descrito em detalhes na obra *Totem e tabu* de 1913, onde havia um Pai, déspota absoluto, que era detentor de todas as mulheres. Este Pai matava ou expulsava a seu bel-prazer os filhos que julgava ameaçarem sua soberania. Em certo dia, os filhos que tinham neste Pai um ideal, mas, ao mesmo tempo, o odiavam por seu despotismo, o mataram e o devoraram.



Porém, foram incapazes de assumir a parte que lhes cabia da herança em virtude da fraqueza dos mesmos; pois que, tiveram medo de experimentar o mesmo destino de seu Pai. Chegaram, pois, a uma conclusão. Fundaram um clã fraterno, auxiliados pelas ordenações do totemismo. Passaram, então, a procurar mulheres fora do clã (origem da exogamia). E assim, a religião seria para a história da humanidade o que a neurose é para a história do indivíduo.

O Pai primitivo seria o protótipo de Deus. A religião pode, pois, ser explicada pela ideia do complexo de Édipo, particularmente a ambivalência afetiva que compreende este complexo. Freud “[...] descrev[...] [eu] a neurose obsessiva como uma religião particular distorcida e a religião como uma espécie de neurose obsessiva universal [...]” (FREUD, 1925 [1924] 1996, p. 68).

A religião e suas semelhanças com a neurose obsessiva

Freud descobriu, segundo Peter Gay (2007), grandes semelhanças entre as cerimônias, encontradas em todos os tipos de religião, e os rituais compulsivos dos neuróticos obsessivos.

[...] Os dois conjuntos de práticas, neurótica e religiosa, supõem a renúncia aos impulsos, argumentou [...] [Freud]; ambos funcionam como medidas defensivas e autoprotetoras [...] (GAY, 2007, p. 478).

Este autor afirma que Freud teria confessado a Pfister - que era um pastor, admirador da Psicanálise e praticante dos conceitos psicanalíticos - que sua concepção acerca da religião enquanto ilusão não fazia parte do conjunto das ideias da teoria psicanalítica, mas constituíam o fundamento de suas opiniões pessoais. Porém, seu entendimento no tocante à religião, sobretudo os conceitos constantes em *O futuro de uma ilusão* (1927) foram trazidas a lume a partir das pesquisas psicanalíticas.

Para a psicanálise, portanto, o principal fundamento, razão de ser da civilização (entendida aí, a arte, a religião, e a ciência) é a de proteger o homem dos perigos e do mal-estar que a natureza, as condições inerentes ao desenvolvimento e envelhecimento do corpo e as relações com os outros homens provoca. (FREUD, 1930/1996).



Neste sentido, a religião se norteia e se fortalece na medida em que a realidade do desamparo humano torna-se evidente. Daí podermos compreender o nascimento de tantas religiões em torno do mundo na atualidade.

[...] O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada [com a renúncia às moções egoístas que ela implica] em comum lhes impõe (FREUD, 1996 [1927], p. 26).

Com efeito, os dissabores da existência só seriam passíveis de aceitação e consolo à medida que associados, através da crença do homem religioso, a uma finalidade divina, extramundo, extracorpórea. As ideias religiosas, neste sentido, se caracterizariam como

[...] ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos [...] [Pois] a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção – de proteção através do amor –, a qual foi proporcionada pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso [...] [Deus] (FREUD, 1996 [1927], p. 39).

Religião, Arte, Ciência e Psicanálise

Finalmente, na conferência XXXV intitulada *A questão de uma weltanschauung*, Freud (1933 [1932] 1996) discutirá as várias visões de mundo que nortearam o pensamento humano, desde uma *weltanschauung* religiosa, passando pela *weltanschauung* filosófica, artística e indo desembocar na *weltanschauung* científica – visão de mundo a que a psicanálise aderiu desde seu surgimento enquanto método clínico e investigação dos processos inconscientes.

Nesta conferência Freud deixará bem claro os principais pontos a que a religião se arroga detentora da verdade, quais sejam:

- a. Propõe fornecer informações sobre a origem e a existência do universo;
- b. Promete felicidade e proteção;
- c. Indica preceitos e regras de conduta e os sustenta com grande autoridade.



Com estes critérios de fé, a religião termina por preencher a sede de conhecimento do homem; acalma a angústia e a aflição humana frente a seu desamparo original; além de estabelecer preceitos, proibições e restrições a qual os crentes precisam respeitar tal qual a criança respeita as exigências e imposições paternas.

Ou seja, a religião combinaria em si três funções: ensinar, consolar e exigir. No entanto, o espírito científico, a partir do momento que busca promover o pensamento crítico acerca da verdade em torno da religião termina por desmascarar ou mostrar o quão ilusória pode ser a visão de mundo religiosa. Freud seleciona três razões para o abandono da crença religiosa enquanto possibilidade de felicidade para os seres humanos.

1ª razão: a ciência trouxe consigo a comprovação de que o mundo não se originou de atos de cópula ou criação. Ou seja, a concepção religiosa acerca da origem do universo denotava certa ignorância no sentido de ser a marca de paradigmas antigos – dos tempos do animismo.

2ª razão: a bondade divina presente na descrição dos sistemas de recompensas e punições apregoadas pela religião e que daria uma dimensão de ordem ao universo termina por demonstrar-se falha quando o pensamento crítico revela que as catástrofes naturais e sociais não fazem nenhuma distinção entre o homem virtuoso e religioso e o homem patife e profano.

3ª razão: a psicanálise veio demonstrar que as ideias religiosas se originaram do desamparo infantil, já que sobreviveria no homem adulto desejos e necessidades da tenra infância.

Além disso, a proibição e inibição do pensamento crítico que a religião estabelece, revelou e revela os perigos de certos fundamentos *a priori* e contrários aos dados da experiência.

Para Freud, então, a maior esperança era a de que o intelecto, a razão, a ciência pudesse estabelecer seu domínio sobre o pensamento humano. Visto que, a ciência, ao contrário das ilusões religiosas, traria o homem para o princípio da realidade. Para a necessária experiência de frustração ou de satisfação de seus desejos.

No entanto, Freud concluirá esta conferência com as seguintes palavras:

[...] uma weltanschauung erigida sobre a ciência possui, excetuada a sua ênfase no mundo externo real, principalmente traços negativos, tais como a submissão à verdade e a rejeição às ilusões. Todo semelhante nosso que está insatisfeito com essa situação, que exige mais do que isso para seu consolo momentâneo, haverá de procurá-lo onde o possa encontrar. Não o levaremos a mal, não podemos ajudá-lo, mas nem podemos, por causa disso, pensar de modo diferente (FREUD, 1933 [1932] 1996, p. 177).



Resultados e Discussão

As leituras permitiram que identificássemos os dados trazidos por Freud para advogar a tese da *Religião enquanto ilusão* que, mesmo necessária para preencher a sede de conhecimento no homem, apaziguando sua angústia ante o desamparo original a partir do seguimento de preceitos e restrições a qual precisaria respeitar; inevitavelmente, porém, cederia lugar ao pensamento crítico, próprio da Ciência, onde o princípio de realidade se sobreporia ao princípio de prazer.

Freud ([1932] 1996) propõe, portanto, quatro motivos para o abandono da Religião: 1) a Ciência comprovou que o mundo não se originou de atos de criação como pensava a concepção religiosa sobre a origem do universo; 2) a bondade e a justiça divina, descrita em seus sistemas de recompensas e punições, que daria ordem ao caos, revelam-se falhos à medida que o raciocínio demonstra que as catástrofes naturais e sociais não distinguem o homem virtuoso/religioso do homem patife/profano; 3) a psicanálise mostra que as ideias religiosas originam-se do desamparo infantil, visto sobreviver no homem adulto desejos e necessidades da infância; 4) a proibição e inibição do pensamento que a Religião pressupõe, revela os perigos de certas opiniões contrárias à experiência.

Assim, Freud ([1932]1996) dirá que o fato da ciência oferecer a verdade: renúncia às ilusões e aceitação dos dados do mundo externo, acaba deixando aspectos mais negativos do que positivos no tocante aos desejos primários da humanidade, motivo pelo qual a Ciência não pode vencer os poderes da Religião.

Considerações Finais

Os argumentos freudianos sobre as bases ilusórias, onde se encontra erguida toda a história da Religião, nos leva a pensar que, de fato, seus fundamentos, quando postos em xeque pelos argumentos científicos, terminam por ruir. Sendo que é justamente por este motivo que a Religião não suporta as incursões da Ciência em seu território. Logo, embora neste último século a visão de mundo religiosa enfrente sérias crises, porém, continua de pé, erguida pelos desejos primevos dos seres humanos de proteção e amor. O desamparo que perdura pela vida



afora pode favorecer terminar por conduzir a maior parte da população humana a acreditar na existência de um Pai ainda mais poderoso do que o Pai da primeira infância, qual seja, Deus.

Estas crenças não são passíveis de investigação pelo método científico que, sabemos, também pode se reduzir a crenças fundamentalistas e até preconceituosas. Neste sentido, a reflexão que desperta no leitor este debate sobre a *Religião como ilusão* pode ser estendida para todos os outros campos do conhecimento. Será que não vivemos numa ilusão sem fim? Precisamos realmente, parafraseando Cazuzu, *de uma ideologia para viver?* Mas, também, *não acreditar, já é uma crença.*

Referências

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914); edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A questão de uma weltanschauung (1933 [1932]). In. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O futuro de uma ilusão (1927). In. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O mal-estar na civilização (1930). In. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Um estudo autobiográfico (1925[1924]) In. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 2007. 15ª reimpressão.

IDEOLOGIA. Música de composição de Cazuzu e Roberto Frejat.



R: 13.8.2016

A: 17.8.2016